JOSÉ COMBLIN E A PASTORAL DA IGREJA DOS POBRES

Anderson Frezzato*

Resumo

José Comblin, desde que chegou às terras brasileiras e a partir de uma sensibilidade peculiar que possuía perante os sofrimentos dos pobres, desenvolveu uma teologia da Igreja dos Pobres. Essa teologia buscou lançar luzes para a pastoral eclesial, especialmente aquelas desenvolvidas pelas comunidades de base. Ele convidou a Igreja a não só se assemelhar a Cristo, o Pobre, mas a ir ao encontro, com coração e coragem, daqueles que mais padeciam na sociedade, isto é, o povo pobre. Para Comblin, esse povo pobre é a verdadeira Igreja de Jesus. É no meio do povo e para esse povo, preferencialmente, que Jesus continua a falar; também para eles se destina o convite de assumirem a tarefa de serem protagonistas na construção do Reino de paz e justiça (Cf. Rm 14,17). No entanto, é preciso superar algumas dificuldades eclesiológico-pastorais, de modo que o pobre volte a ser o destinatário privilegiado da missão eclesial. Missão que não se resume em só anunciar o Reino por meio das palavras, mas, sobretudo, em ser geradora de ações que ajudem a promover a dignidade da vida e o bem-estar a todos (Cf. Jo 10-10). Partindo de sua obra *O Povo de Deus*, esta nossa pesquisa quer resgatar a teologia de Comblin no que tange à Igreja dos Pobres e, ao mesmo tempo, contribuir apresentando algumas das suas sugestões para a pastoral da Igreja em nossos dias.

Palavras-chave: José Comblin. Igreja dos Pobres. Pastoral. Povo de Deus.

Introdução

A V Conferência Latino-Americana, realizada em Aparecida, propôs no texto final que a Igreja "continue sendo, com maior afinco, companheira de caminho com os nossos irmãos mais pobres, inclusive no martírio" (AP n. 396). Certamente, tais palavras podem ter trazido alegria ao coração do missionário belga, José Comblin, radicado no Brasil, pois, há algum tempo, sensibilizado pela realidade de sofrimento dos mais pobres, já propunha que a Igreja se tornasse cada vez mais pobre para acolher o pobre. Para ele, "desde Medellín (1992), a Igreja passou a defender mais nitidamente que os pobres ocupem o primeiro lugar do Povo de Deus" (COMBLIN, 2002, p. 238).

* Mestrando em Teologia do Programa de Estudos Pós-graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa José Comblin.

A opção preferencial pelos pobres, tão ressaltada pela Igreja, em especial no Brasil, não pode permanecer somente como opção teórico-referencial, mas necessita ser endossada por uma prática pastoral sólida que realmente esteja junto com os pobres. Nesse sentido, é preciso levantar algumas questões práticas que podem incidir sobre a pastoral da Igreja, sobretudo, aquelas que são fomentadas para as comunidades eclesiais de base e que podem dar muito fruto para o Reino de Deus.

Nossa pesquisa, então, visa a mostrar a importância para a eclesiologia de nossos dias da concepção de Igreja como Igreja dos Pobres e, ainda, levantar algumas propostas pastorais para a ação eclesial. Isso tudo, à luz da teologia do Povo de Deus desenvolvida por José Comblin.

Povo de Deus é o povo pobre

Partimos da epígrafe acima como uma certeza. Quem lê as obras de José Comblin pode ter chegado a uma possível conclusão: ele promove um novo método de análise teológica do Povo de Deus. Se outrora, especialmente, antes do Concílio Vaticano II, o povo pobre pertencia às categorias mais baixas do Povo de Deus – clero, nobreza e povo – na teologia de Comblin, a descrição do corpo eclesial fica mais acertado quando está organizado como clero pobre, ricos pobres, povo pobre. Como a Igreja é para todos, a nota vinculante de união entre os batizados como povo deve ser a pobreza, seja ela material, daqueles que mais sofrem, seja a espiritual, dos despojados e convertidos. Comblin afirma categoricamente que "a Igreja verdadeira é a Igreja dos pobres" (COMBLIN, 2002, p. 238).

A Igreja dos Pobres não começou com o Concílio Vaticano II, nem mesmo com a Teologia da Libertação (Cf. PAULINO, 2013, p. 37). Pensar que assim o fosse, correríamos o risco de anular o Evangelho e toda a pessoa de Jesus, uma vez que a Boa Nova foi dirigida especialmente aos pobres (Cf. Mt 11,25-30) e Jesus foi o grande pobre de Nazaré (Cf. Mt, 8,20). No entanto, mesmo não encontrando ressonância da noção de Igreja dos Pobres nos trabalhos conciliares, não seria possível continuar essas linhas sem associar a teologia da Igreja dos Pobres de Comblin aos ideais de João XXIII. Foi o Papa João XXIII que usou, pela primeira vez, a expressão "Igreja dos Pobres", em mensagem radiofônica a todos os fiéis,

após um mês da abertura do Concílio Vaticano II (Cf. JOÃO XXIII, 2007, p.20-26). Mesmo a "Igreja dos Pobres" não aparecendo nenhuma vez nos Documentos Conciliares, ficou bem guardada no espírito de muitos padres conciliares[1] e, posteriormente, desenvolvida em todo o pensamento de Comblin. Sem dúvida, pode-se eleger o conceito de Igreja como Povo de Deus constituído pelos pobres, como chave hermenêutica de toda a obra do teólogo belga.

Dentro dessa perspectiva, não se pode falar de pobre de modo isolado, um pobre individualizado. Comblin diz que todas as vezes que se falar de pobre é preciso entendê-lo de modo coletivo. O pobre sempre pertencerá a alguns grupos sociais e com questões próprias, como cultura, classe, raça, sexo. É justamente porque o pobre faz parte de um grupo que se criam tensões, uma vez que, se a dificuldade de padecimento do pobre fosse apenas miséria, a questão estaria direcionada. No entanto, como engloba tantas outras questões vitais, é inevitável que haja conflitos. Na condição do pobre, está absorvida a questão da vida, da mulher, da educação, das liberdades (COMBLIN, 2002, p. 263).

O Povo de Deus pobre vive no meio de outros povos. É o desafio da modernidade multicultural e plural de pertenças. As Escrituras afirmam que o Povo de Deus foi escolhido, eleito dentre outros, e a Teologia Bíblica caracteriza esse povo como messiânico, ou seja, detentor de uma revelação divina e de missão perante outros povos (Cf. LG, n.9)[2]. Nesse sentido, são inúmeros os problemas pastorais que a Igreja, como Povo de Deus, encontra diante de si. Comblin também oferece uma palavra sobre essa realidade pastoral.

Uma pastoral para a Igreja dos Pobres

Para Comblin, uma pastoral eficaz de uma Igreja pobre para os pobres deve ter seu início em uma tomada de consciência da atual realidade eclesial e no convencimento da existência de uma estrutura geradora de exclusão social. Para ele, há muita cegueira que ainda tem impedido uma correta avaliação da realidade e do que gera atitudes pastorais

[1] O *Pacto das Catacumbas* foi um compromisso assinado por alguns padres conciliares que almejavam a construção de uma Igreja mais pobre e mais serviçal aos pobres e sofredores, vivendo eles mesmos o modo ordinário da população, sem luxos, privilégios e ostentação. O documento assinado pelos Bispos ficou conhecido como Pacto das Catacumbas, porque foi celebrado na Catacumba de Santa Domitila, fora de Roma, no dia 16 de novembro de 1965.

[2] Existe uma teologia substancialmente desenvolvida sobre a ideia de eleição de Povo de Deus e de sua missão messiânica está amplamente desenvolvido no capítulo segundo da Constituição Dogmática *Lumen Gentium.*

descomprometidas com o pobre. O teólogo exemplifica afirmando que a América Latina e, em particular, o Brasil, não podem ser vistos fora da construção de fé de cristandade. "O imaginário católico é de cristandade e os católicos ainda acham que o Brasil é totalmente católico" (COMBLIN, 2002, p. 283).

É preciso romper com o regime de cristandade que se configura na relação entre os que mandam e obedecem, entre os que sabem e os que não sabem. É fácil encontrar nas redes de comunicação social católica a afirmação de que a hierarquia fala e ensina, enquanto os leigos ouvem e aprendem. As comunidades eclesiais foram as primeiras a procurarem romper com esse tipo de relacionamento. Surgindo pela ação do Espírito, as comunidades se colocavam como protagonistas da ação eclesial, mesmo não sendo totalmente independentes de um regime paroquial. Os frutos foram significativos ao longo do tempo. Mas como diz Comblin, as comunidades foram aos poucos se paroquializando, uma vez que dependiam da boa vontade da hierarquia local. Viu-se que as "comunidades de base tinham sido uma etapa na busca de uma Igreja dos pobres" (COMBLIN, 2002, p. 239) e que precisa ser retomada.

As comunidades eclesiais, de todo modo, lançavam consciência para a realidade de sofrimento dos pobres e estavam com eles. Incomodavam por ter atitudes pastorais que se sobrepunham àqueles de manutenção sacramental. Elas eram missionárias e se pautavam em ações coletivas. Hoje vemos cada vez mais claras ações eclesiais individuais de alguns que angariam a missão de evangelizar a todos, prescindindo do coletivo: padres sem povo, padres de show, religiosos e religiosas vivendo fora do carisma congressional, leigos fundadores e clericalizados. Para estes Comblin mostra que não basta apenas dizer que querem evangelizar o mundo, mas que tal vontade deve estar abrigada por um plano de conjunto, ou seja, o desejo da evangelização não pode ser realizado individualmente, mas como ação eclesial, tendo a maior participação possível daqueles que fazem parte do Povo de Deus. (Cf. COMBLIN, 2002, p. 335).

É certo que para Comblin "o que interessa é o papel do povo de Deus e não das ações individuais" (COMBLIN, 2002, p. 350). Quando a ação eclesial é realizada individualmente, ela desconstrói a ação pastoral de Jesus que incentivava as ações do grupo apostólico e não as ações individuais deles. Quando se procura viver a pastoral de Povo, não cabe espaço para a construção de poder pessoal e se ganham forças para lutar contra o poder opressor da

sociedade, em especial, contra o poder oriundo do dinheiro. Infelizmente, o dinheiro, onde quer que esteja empregado, gera corrupção. O cristão não deve deixar-se corromper pelo dinheiro como fez a Igreja como Instituição em alguns episódios de sua própria história (COMBLIN, 2002, p. 350). É pesaroso saber que a pastoral é movida pelo dinheiro ou paralisada pela falta dele. Não se pergunta: temos campo pastoral? Temos agentes de pastoral? Temos realidades que precisam de cuidado pastoral? Mas, sim, se temos dinheiro. Uma Igreja pobre não precisa de muitos recursos. Onde há espaço para a ação do Espírito de Deus e para a criatividade nunca faltam recursos e esperança.

No que tange à ação dos leigos dentro da pastoral, Comblin diz que eles devem ser missionários e evangelizadores. No entanto, constata-se algo evidente, mas ainda percebido por poucos: "os leigos não estão sendo preparados para isso" (COMBLIN, 2002, p. 330). Foram, para o teólogo em questão, preparados para estar sob a orientação e, muitas vezes, sob os mandos e desmandos dos sacerdotes. Os leigos e leigas estão carentes de atitudes protagonistas. Não é culpa deles, mas do modo sistemático de evangelizar do tempo presente. A eles falta, muitas vezes, liberdade para as atitudes autênticas dentro da pastoral. Conseguem, a muito custo, manter certo verniz de manutenção, mesmo quando o próprio padre já nem faz mais questão de manter a casca pastoral, mas tudo destruir.

A ação pastoral da Igreja deve ser constantemente levada pela postura de Jesus de abaixamento e de proximidade com os sofredores. A Igreja ganhará prestígio e condição se abrir espaços por meio da vivência autêntica da vida de cristã. Jesus procurou esconder a força do poder divino para convencer sobre o Reino de Deus pela dinâmica do amor. Tal atitude deve ser imitada pelas comunidades eclesiais. A grande pedagogia da evangelização está descrita nos Evangelhos. Os Planos de Pastoral que, hoje, em sua maioria, são repetições de documentos eclesiais, nem saíram das gráficas e já são obsoletos. Há uma distância entre as propostas pastorais dos Planos de Pastoral com as propostas do Evangelho. É preciso dar metas para a ação da Igreja, e a maior meta que a Igreja pode ter em sua ação pastoral, por sua constituição como Povo de Deus é ir ao encontro do povo pobre, preferencialmente.

Palavras finais

Para José Comblin, "compreender a Igreja como povo é mais que necessário" (COMBLIN, 2002, p. 138). No conceito de Povo de Deus está expressa a identidade da Igreja que é formada por meio de povos entre muitos povos. Não há nessa formação e entendimento eclesial espaço para individualismos e tentativas de evangelização isoladas. Por mais que o modernismo traga a imposição de atitudes individualistas, a Igreja, Povo de Deus, deve, o máximo possível, se distanciar dessa cultura do individual para promover a cultura do encontro, tão incentivado pelo Papa Francisco em inúmeros de seus pronunciamentos e escritos.

"O tema do povo de Deus não descreve somente uma teoria, mas também uma prática" (COMBLIN, 2002, p. 138). Para o teólogo belga, a Igreja é fundada e vive em forma de povo. É adequado pensar que não há outro modo de viver como Igreja a não ser em povo. Não é uma invenção de Jesus para a Igreja. Trata-se, como fala Yves Congar, "de continuidade" (Cf. CONGAR, 2012, p. 207) e não ruptura com o povo bíblico, cuja formação inicial remonta à vocação de Abraão (Cf. Gn 12,1).

De todo modo, assim como Deus teve sua atividade com seu povo, a Igreja deve ter sua atividade como povo e povo marcado pela realidade de vida de Jesus, o qual foi pobre e viveu a pobreza como virtude. Quando a Igreja vive a pobreza como virtude, evangeliza, torna-se pobre e vive para os pobres. As comunidades de base foram expressão carismática desse modo de ser Igreja, que, de alguma forma, precisa ser retomado, mesmo com adequadas atualizações.

Referências

BIBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1981.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. ***Constitutio dogmatica de ecclesia Lumen Gentium***, AAS 57 (1965), pp. 5-67.

COMBLIN, José. **O Povo de Deus**. São Paulo: Paulus, 2002.

CONGAR, Yves M. **Si può definire la Chiesa?** (1961), in Santa Chiesa, p. 38-39 apud GIBELLINI, Rosino. A Teologia do Século XX. 3. Ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2012, p. 207.

DOCUMENTO DE APARECIDA. Documento final da V Conferência Latino-Americana de Aparecida. Brasília: Edições CNBB, 2004.

PAULINO, Francisco de Aquino. **Uma Igreja pobre para os pobres. Abordagem teológico-pastoral.** In. Kairós. Revista Acadêmica da Prainha, Fortaleza. V. 10. N. 1, p. 35-56, 2013. Disponível em: http://www.catolicadefortaleza.edu.br/wp-content/uploads/2016/03/2.-Francisco-Igreja-dos-pobres-J--nior-Revista-Kairos-corrigido-e-formatado-pag.-35-a-56.pdf. Acesso em 8 de maio de 2019.

JOÃO XXIII. **Mensagem radiofônica aos fiéis católicos**. In. Vaticano II. Mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Paulinas, 2007.